

A JANELA

Beatriz Alcântara

INTRODUÇÃO

Um trio, o trio produtivo da criação: isolamento procurado; silêncio e contemplação passiva. Escritores, artistas plásticos, compositores e mesmo pessoas da ciência pura, jamais atingiriam a completude de sua ação inventiva se, não procurassem abastecer-se nessa tripla fonte de inspiração.

Por ocasião desse recolhimento, que para muitas pessoas, via de regra, parecem ociosas quando não rotuladas de depressão, o ritual da elaboração do processo inventivo inicia-se a partir da apropriação de uma revelação individual, recém intuída pela mente em repouso produtivo. A partir desse estado de consciência da revelação, associações evoluem, desdobram-se, tangenciam intuições, libertam-se do lugar comum, cruzam pontos com linhas oblíquas, envolvem contradições, apercebem-se dos desvios, trocam farpas com o adiamento do novo, buscam percursos que muitas vezes ainda lhes desconhecem a origem e por entre todos eles, fazendo escolhas, desistências ou procurando uma referência mais além, edificam estruturas e passadiços invisíveis, até que uma forma, muito tênue, começa a tomar vulto.

A ideia criativa sendo apercebida, semelhante a uma criatura demiúrgica, ela adquire um ânimo voluntarioso, alheia-se a qualquer vontade que não seja a própria, faz-se imune ao controle ou à regência natural do ser criador e mestre. Existem sutilezas por tal modo sensíveis nessa etapa do processo que a mais ínfima intervenção externa, como o toque de um telefone ou o surgimento de uma pessoa inadvertida, pode desmontar e proceder à destruição de uma cadeia caudal ao modo das águas invernosas de um rio que jamais irão repetir aquele percurso, assim poderá suceder com a trajetória da revelação criadora jamais retomada na justa medida do instante fraturado.

A veia criadora prosseguindo sua trajetória sem estorvo, o instante a que Jorge Luis Borges denominou de "Aleph", surge à boca de cena, presentifica-se, belo como Apolo, aguarda a identificação do alumbramento e a partir desse instante revelador devolve a descoberta à mente criativa original. Pergunta-se. Estaria assim concluído o processo criativo? Não, o fio de Ariadne apenas acaba de ser presenteado a Teseu.

"A janela venceu a parede, da qual, um dia, foi furo - e negação"
Décio Pignatari

Este ensaio é um relato do juízo que construí a partir da observância do percurso evolutivo que a palavra - **janela** - sofreu e se transmutou, tomando-se por fundamento textos ou poemas extraídos da Literatura em língua portuguesa. No decorrer desse estudo, tratar-se-ão das mais significativas menções do vocábulo **janela**, nas diferentes formas de manifestação literária tanto em Portugal como no Brasil. Ocasionalmente, outras palavras integrantes do mesmo universo, a exemplo de - casa, parede, porta - poderão vir a ser objeto de observação mais detida, contudo, o foco logo voltará a incidir sobre o proposto.

Na etimologia de **janela**, verifica-se que o lexema deriva do latim *Januella*, diminutivo de *Janua* - porta de entrada, acesso, caminho e passagem. *lānua* origina-se, por sua vez, de *lānus* - passagem coberta, galeria. *lānus* ou Jano, era um dos mais antigos e venerados deuses romanos de origem indo-européia e simbolizava tanto o começo como o fim, portanto, regia os portões, as entradas e as saídas.

Divindade ambivalente, Jano possuía dois rostos opostos, um na frente da cabeça e outro atrás - passado e futuro, interior e exterior, guerra e paz. Tido como o "mestre das duas vias", guardião do universo, ele era o senhor da iniciação nos mistérios. Porque presidia todos os começos e as passagens, este deus romano ganhou a consagração de um mês, *lānuarius* - Janeiro - aquele que propicia a passagem do fim de um ano transcorrido para dar início aos dias de um novo.

Janua - a porta - é o lugar de passagem, a divisão entre o mundo da natureza e o mundo criado pelo homem, por isso quase sempre é única na referência, enquanto a **janela** - diminutivo de porta - pode espalhar-se ao longo de todas as fachadas da edificação, logo, muito raro é uma só e sua utilização no texto, em número singular.

Mas qual a origem e, quando surgiu a **janela**? Não existe relato preciso, todavia, consta que os romanos teriam sido seus inventores. A partir deles, o que era apenas um buraco na parede, uma simples abertura para entrar a luz, ou permitir a observância do lado oposto aos muros, adquiriu a feição de uma **janela**. Caixilhos de bronze para vidraças de 53X45 centímetros foram encontrados na lendária Pompéia, o que leva a acreditar ter havido utilização anterior à destruição da cidade pelo Vesúvio, no ano 79 d.C.

O arquiteto Luís Antônio Jorge, no livro *O Desenho da Janela*, considera algumas hipóteses para encontrar o seu nascedouro : “Uma delas vincula a **janela** a uma variação ... ocorrida com a porta, uma “diminuição”, uma subtração da sua parte inferior, conhecida por nós como peitoril. A mudança não é apenas física, mas sobretudo qualitativa, na medida em que altera completamente a função de passagem dos homens, o deslocamento físico dos corpos, para a passagem da luz, do ar, do olhar... Ressalte-se que o deslocamento é impedido, coisa que com a porta não ocorre: ela acumula as duas funções, abertura para os homens e para a luz...a **janela** não esteve presente nos primórdios da arquitetura...tanto o templo egípcio quanto o grego careciam dos meios mais simples de comunicação entre o interior e o exterior: as **janelas**...a sua raridade na Ásia Ocidental, durante os períodos da Assíria e Babilônia, nos palácios reais...O período compreendido entre o **Quattrocento** e o século XVII assistiu à introdução gradativa da **janela** na sintaxe arquitetônica.”

Não é preciso ir pois a um passado longínquo para encontrar a palavra **janela** com a utilização semelhante à nossa contemporânea. No artigo intitulado “A Sedução da **Janela**”, o professor de História da Arte na U.S.P., Luís A.S.Munari, afirma: “Antes da **janela**, a casa

era iluminada pelo pátio interno (peristilo), que se comunicava com todos os cômodos, abrindo-os aos céus, à luz e ao ar, mas sem a capacidade de conduzir o olhar à cidade. Isto só ocorrerá a partir do surgimento dos terraços do último andar das casas italianas (as *loggie*), nos séculos 14 e 15, dando início àquilo que pode ser denominado de cultura de investigação mútua."

Na pesquisa realizada com o objetivo desse estudo, o registro literário mais longínquo data do século XVI, mesmo assim sob a forma gráfica de "fresta" e utilizada numa acepção quase contemporânea: "Aônia, que se determinou consigo, não pôde mais descansar. E, como ele tivesse em costume vir sempre por darredor daqueles paços, que suntuosos se faziam à maravilha, por ~ua fresta alta, que na câmara onde dormia fora só feita pela lume, se subiu Aônia, sabendo como ele andava ali...Depois de o ela estar olhando um pouco, bem à sua vontade, porque ele, inda que contra a fresta com o rosto acertasse então de estar, acertou também de estar olhando pera o chão, cuidosa como soía, teve ela tempo pera o ver bem...E esteve assi mais um pouco, mas não pôde tanto forçar-se, que a vergonha natural de donzela, ainda tão moça e tão guardada como ela o era não pudesse mais que o seu desejo, e tirou-se asinha da fresta." - do clássico português *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro.

Observe-se que "fresta", da forma arcaica *feestra*, do latim *fenestra*, que poder-se-ia traduzir por fenda, desvão, greta e frincha, tem origem semelhante ao francês "fenêtre" - janela - do latim *fenestella*, diminutivo de *fenestra*.

Atente-se para a casa como face constante do acolhimento, "agora vai para **casa** e descansa./ amanhã terás um dia feliz/ como são os dias de mesalina" - poema "Dias de mesalina", de *Chacal*, em **Drops de abril** e, sua comunicação com o mundo interior-exterior sob a regência do tempo, "As casas como as pessoas/ guardam cicatrizes/ expostas no rosto do tempo./ Às casas sempre voltamos/ nelas a vida anda por trás do que passou/ existem na existência indo embora.", do poema "O retrato nas paredes" de Barros Pinho.

Constatado o universo quase humanizado da casa, pela lira de poetas, tome-se como observação dois de seus componentes, rivais, janela/porta. Em observação detida, verifica-se que a porta é o meio imediatamente direto de comunicação que a habitação possui, tendo em vista que só através dela podem as pessoas adentrar ou sair em livre circulação. A vida na casa só terá existência a partir da condição de luz e ar, que só poderá advir da porta ou das janelas e, por tal modo, adentrar no ambiente: "A janela se abriu na escura casa/ onde tudo era informe e triste tudo/ onde sombras apenas se agitavam./ A janela se abriu sobre a paisagem." De Schmidt. Só as duas aberturas ensinam a constatação do tamanho real do espaço compreendido entre as quatro paredes. No entanto, convêm que se registre, ter a **janela**, a par da sua função como grande meio condutor da luz e do ar no corpo da casa, a condição de íntima e segura familiaridade com os seus habitantes, como no dizer de Suzana Dias em "Saudades do Conselheiro", "vasculhei gavetas, abri janelas à procura de uma luz capaz de me conduzir a esse passado distante.", por um modo como se estivesse em estado de repouso, de pausa onírica, enquanto a porta, com quem sempre houve rivalidade, traz no seu bojo a vulnerabilidade, o ponto frágil e inseguro da edificação. Incumbida de permitir a passagem, o acesso do mundo exterior ao âmago do espaço interno, a porta só inspira confiança quando cerrada, quando impedida de sua função vital, a passagem. Cruel revelação nos versos de "Crônica Policial" de Affonso Romano de Sant'Anna: "Ontem três homens duros e armados/ entraram na casa de um casal amigo/ comeram, beberam, violentaram uma visita,/ levaram dinheiro, objetos e saíram em zombaria."

Interessante observar como se delimita o campo espacial das duas. A porta, em seu estado mais comum, veda e proíbe a visão do mundo que, somente irá ser revelado ao olhar quando esta se abrir à passagem. Enquanto isso, a janela entrega-se generosa à contemplação, "Ó moça da janela do sobrado/ que sonhas quando a tarde vem caindo./ Apaga no meu peito as cicatrizes/ e tudo que padeço por amar." – do poema "Ó moça" de Affonso Manta e, em outros versos, do Brasil primeiro de

Tomaz Antonio Gonzaga, reforçando enfoque similar, "Ela tem ao pé da porta/ uma rasgada janela:/ é da sala, aonde assiste/ a minha Marília bela" - mesmo quando sua forma delimita o espaço da visão exterior, emoldurando-o, fixando-lhe um espaço semelhante ao de um quadro na parede. Um quadro onírico que a sensibilidade de Clarice Lispector definiu: "Uma **janela** não é senão o ar emoldurado por esquadrias.", a imagem ampliando-se pela arte de Paulo Setúbal: "E da florida janela/ que eu abro de par em par,/ verde painel, larga tela/ da cor mais viva e mais bela,/ desdobra-se o meu olhar".

Recuperando-se a dicotomia da habitação, porta versus janela e sempre com o apoio dos trechos literários selecionados, a porta poderia firmar-se como a comunicação mais direta e estruturação mais objetiva e real da casa, "vem comigo à minha casa/ que eu te dou um vinho novo" - de José Albano - enquanto o olhar ensejado pela **janela**, via de regra procura um estado de alma mais intimista, "Não é tempo ainda/ de abrir as janelas do céu/ e arejar a inconstância." - A geometria das águas" de Santiago Naud - apresentando-se na forma de uma comunicação velada da realidade externa, só chamada a participar do acolhimento da morada quando requerida, ou seja, quando solicitação surgir pela vontade de um chamamento de quem se ache no interior, "Pelas largas janela entra a noite quieta e um cheiro de frutos maduros./ Pelas janelas abertas chega até nós um perfume frio de estrelas./ Pelas janelas abertas penetra a mansa poeira dos caminhos, das viagens noturnas com pássaros dormindo nas ramadas.." de Augusto Schmidt.

Assim sendo, a porta consistiria na oposição formal entre o ser anímico do homem e a constituição móvel do indivíduo que se expande mundo afora, enquanto a **janela** - que poder-se-ia acreditar como diminuição da porta - repete a dialética do interior e do exterior, do aquém e do além, do sim e do não, do concreto e do vasto, numa multiplicação e diversidade de inúmeros matizes, por fim, a clara nitidez exterior surgiria como oposição ao obscuro-vazio interior, "Meu coração é um balde despejado./ Como os que invocam espíritos in-

voco/ A mim mesmo e não encontro nada./ Chego à **janela** e vejo a rua com uma nitidez absoluta" - poema "Tabacaria", do heterônimo pessoano Álvaro de Campos; a visão externa da **janela** encontraria no seu interior uma consonância com o estado de alma do habitante observador, ocasionando uma fusão entre o delírio ocioso e a realidade, "Sou moradeira das cheias/ de altas espumas: os navios/ passam pelas minhas **janelas**/ como o sangue nas minhas veias/ como os peixinhos nos rios." - *Beira-mar* de Cecília Meireles; mesclando o aqui, com o acolá e o aqui novamente, "Da **janela**/ eu me vejo/ indo/ vou em mim/ e me espero:/ eu/ vindo/ me vejo/ na **janela**." - do poema "Visão", *Menino Sem Fim* de Wilson Pereira; apercebendo, ainda sob a regência do devaneio, que a visão do elemento que está fora ocasiona a identificação com a solidão de quem se acha encerrado por entre paredes, "Nuvens/ passam pela minha **janela**/ Penetro/ no labirinto do ser/...Nuvens/ passam pela minha **janela**/ e eu me sinto tão só" - do livro *Mágicas Palavras* de Manoel César; tudo a construir uma realidade que se teme enquanto não se vence o desejo de espioná-la para reconhecer seu transbordamento nas dimensões e nos limites da janela, "Ao sentir o brávio rumor, o sargento viera à **janela** e, adivinhando a surtida, desfechara sobre o bando uma carabina. Escopeta anônima conseguira, porém, feri-lo, atingindo, ao mesmo tempo, o guarda-civil que ao seu lado se encontrava." - do capítulo "Casas Viejas", no romance *O Intervalo* de Ferreira de Castro.

A **janela**, quando associada à imagem dinâmica do ar violento, pode refletir a fúria elementar que não é outra senão o cosmo posto em curso, seguindo a ordem do Universo, "Em fins de julho, o vento mordeu/ as janelas de casa. Voltou/ por muitas vezes do incerto lugar/ em que se exila dos mortais/ reabastecido de velocidade e fúria." - "Vento" de Luciano Maia. A imagem da **janela** ligada à do ar impetuoso que surge e chega aparentemente indômito aos ditames do homem, reflete a impossibilidade, a fragilidade diante do querer e não poder ocasionando um vazio de alma, anterior a tudo, "Janelas altas e portas simples/ que dão passagem ao que passou" - "Vila Penteado"

de Renata Palotini - um vácuo que súbito se converte em ação, em cólera, para os quais o imaginário humano prefere transportar para algo inanimado, aparentemente neutro, a exemplo das folhas secas, tombadas, sem vida, logo augúrio sinistro - Abre-se uma **janelinha**... num clic...de repente. Entram por ela como se fossem num furacão arrastando folhas secas, pensamentos aterrorizantes.", por Glória Martins num extrato de *Meus Pedacos*.

Contudo, a associação da **janela** com o vento em excesso não é uma recorrência muito comum nas imagens da Literatura em língua portuguesa. Os escritores parecem preferir o vento em repouso do que aquele posto em tumulto, talvez se devendo o fato, a que este último desperta, em demasia, um grito ancestral, quase animalesco, por nós humanos tantas vezes temido, sufocado nas entranhas do bom convívio.

Escutar ou sentir o vento que penetra gentil do mundo externo para a intimidade do indivíduo é o sonho, a ânsia do repouso, desejo melancólico que permite um sem número de identificações. Natércia Campos apresenta, na passagem que se transcreve de "O Jardim", certo vento detido, ainda que veladamente ameaçador: "Abriu as portas e **janelas** e o vento entrou morno e pesado".

O poeta Lívio Barreto, ao descrever idêntica situação deixa passar um estremecimento somente apercebido pelo emprego da palavra "fria", mas logo desfeito pela suavidade do odor das rosas, "Pela **janela** aberta a aragem fria/ Entra trazendo o aroma dos rosais"- poema "Ester", de *Dolentes*.

O vento, indomável por natureza, em certas ocasiões põe-se a serviço dos caprichosos habitantes da casa e torna-se um cúmplice, "Com a mão contente a Amada abre a **janela**/ Sequiosa de vento no seu rosto/ E o vento, folgazão, entra disposto/ A comprazer-se com a vontade dela." - Vinícius de Moraes, *Livro de Sonetos*, "III-O Ar" - ou também, consoante versos de Nicolau Tolentino, poeta português do século XVIII, na sátira "Os Amantes": "Da **janela** debruçada/ Desenvolve degraus falsos/ Pálida dama assustada;/ Os mimosos pés descalços,/ A madeixa ao vento dada."

Inúmeras são as facetas com que o ar se apresenta na harmonia e na arte das palavras postas em foco pelos escritores quando este se depara no confronto ou no convívio com a **janela**. Por vezes, ele esbraveja estremecendo-a, outras a fustiga violento com chuva ou mesmo com granizo, mas ocasiões há em que vem queixar-se em uivos dilacerantes que até aos ímpios faz impressão. Refazendo-se do mau estado, o vento passa melancólico e adocicado em brisa morna ou, atrevido e alegre correndo em súbita aragem, para em dias depois surgir pesado e quente anunciando o estio, porém, de todos os seus aspectos, o do vento indômito parece resgatar o temor ancestral da impotência humana junto à tempestade: "Estremece a antiga vidraça/ pássaro de cristal ferido/ pelo vento que em frechas passa." - Cecília Meireles no poema "Chuva no Palácio dos Doges".

Não menos instigantes à sensibilidade e à arte do poeta vêm as forças da natureza cósmica a perpassar janela afora, invadindo, intrometendo-se e a impor força e presença, tal como o sol veio a surgir em versos do soneto "O prosaísmo do sol a contrastar com o lirismo da lua" de Sinésio Cabral, "Pela janela, o sol vem-me acordar. / Eu lhe pergunto: - Que intimidade é esta?", ou propiciando o devaneio que antecede o sono, a exemplo do que sobreveio e foi manifesto pela métrica de um haicai, do poeta maranhense Berredo de Menezes, "Na janela aberta, / o luar entra como um gato / pisando o silêncio.", sem que se deixem escapar laivos de erotismo envoltos em versos torpentes de Ubiratan Aguiar, "Manhã dos litorais / a luz atravessa a janela / e os sonolentos lençóis."

Observando-se o uso da palavra vidraça, constata-se seu emprego, ora simples sinônimo de **janela**, ora como refletor de luz no vidro, ou mesmo tomando a forma dos dois aspectos, a verificar-se partindo dessa passagem extraída do romance *Histórias de Mulheres* de José Régio: "O mesmo sol que doura aquela relva e se vai esquivando, incendeia as **janelas** das casas, lá longe, ou faz lampear certas vidraças, nos telhados, como chapas de prata polida...", que, conforme se constata, veio a permitir um encobrimento completo do vulto que por

acaso estivesse envolto em luz. Quem dentro se encontrasse a todos poderia ver, mas o inverso não ocorreria por o brilho ofuscar os que ao interior quisessem perscrutar, "o sol acende fósforo nas vidraças" - Márcio Catunda em "Trégua" - aos vidros assim iluminados seria concedido a graça da inviolabilidade, a concessão de um irrevelado rosto que tudo observaria por trás dos vidros, o escondimento da intimidade, o resguardo de um lar, enfim, o encobrimento resguardando tudo que o olhar do lado de fora muitas vezes cobiça. Versos de Fernando Pessoa, ele mesmo, nos confirmam esta assertiva: "E como é branca a graça/ A paisagem que não sei,/ Vista de trás da vidraça/ Do lar que nunca terei !".

Outro enfoque, que não deixa de ser interessante, porque integra o momento incontido de uma paixão nascedoura, é aquele do passante apaixonado em busca do tudo e do nada que lhe permita tocar a existência amada, que até no mais ínfimo traço de sintonia propicia o enlevo, mesmo que sejam os caixilhos de vidro da casa a permitirem-lhe a ilusão de estar junto do ser desejado, enquanto o objeto de devoção permanece no espaço construído no templo imaginário do sonho: "De tua casa as vidraças/ Que eu horas e horas contemplo;/ Se através delas tu passas,/ Lembram os vitrais de um templo." – versos extraídos do poema "Rimário" de Júlio Maciel.

Quanto à veneziana, ela seria talvez a ocultação do olhar irrevelado, o adiamento do desconhecido observador, a **janela**-olho-habitante, aquela que vê o outro mas que consegue permanecer secreta. O poeta Diogo Fontenelle ao usar este vocábulo no poema "Pelas Venezianas", prende-se a uma visão interna do habitante que prisioneiro da noite e da angustia, apercebe-se de certa beleza no universo noturno sob o brilho do luar: "De qual mundo aflito são estes retalhos de noite/ Que descem por fios de prata em nossas venezianas?"

Segundo teoria freudiana, acredita-se que objetos e espaços a encerrar algum vazio interior, expressariam a idéia de penetração e seriam símbolos comuns do órgão genital feminino - bolsa, porta, **janela**, caverna, gruta, cratera e ostra, entre outras mais. Pesquisa re-

alizada na intenção desse estudo, deparou-se com versos da poetisa Adélia Prado que, no poema "Desenredo", que parecem confirmar tal pressuposto: "Fazia tarde bonita quando me inseri na **janela**, entre meus tios,/ e vi o homem com a braguilha aberta,/ o é de rosa-doida enjerizado de rosas."

Receptiva e feminina, a **janela** se abre às queixas enamoradas dos poetas, "Fico, deixas-me velho. Moça e bela,/ partes. Estes gerânios encarnados,/ que na **janela** vivem debruçados,/ vão morrer debruçados na **janela**." - Guilherme de Almeida, no poema "Nós" - e, em outros versos de sedução mais explícita e enlevada, ela vai ao encontro da lua e aos dias de doce encanto aliam-se momentos de intimidade sugerida, "Enquanto a lua, curiosa,/ penetra pela **janela** escancarada/ iluminando os brancos lençóis." - João Dummar Filho, em "Duelo".

O namoro e a **janela** convivem, desde as mais remotas menções lendárias e/ou literárias, em grande sintonia histórica e memoriais recorrências. Três registros, de gêneros literários e épocas diferentes, mas todos de naturalidade cearense: Moreira Campos, contista brasileiro exemplar, realizou de forma muito concisa esta aliança namorável no conto "O Cachorro": "Namoro de **janela**. Depois passamos a freqüentar o banco da pracinha.". Leonardo Mota, escritor voltado para o folclore e a sabedoria sertaneja, em versos de cordel agraciou o lendário bandido Lampião, "Estas moças sertanejas/ Não se sentam mais no chão,/ se debruçam na **janela**/ Namorando Lampião.". Recentemente, o poeta Carlos Augusto Viana atualiza esses códigos em versos do soneto "Soneto com o azul da moça do retrato", "A moça azul flutua numa janela / emoldurada pelos grãos do mar. / Seus cabelos abrigam os navios / encalhados no sal da preamar./ O azul dessa moça é assim tão líquido / que se alastra nos cântaros do vento;/ e, inaugurando rios, já se derrama/ nos prados estivais do pensamento./ A moça, sendo azul em seu retrato,/ só se semeia o pão do amor exato."

Faça-se ainda a correspondência do olhar que observa a rua e o foco do seu posicionamento. A janela não é neutra. Ela percebe e capta a pausa silenciosa que reflete as imagens aprisionadas por um

vago e melancólico olhar, converte-se em fiel guardiã e, o momento chegado da entrega, devolve intacta e pressurosa sua memória: "O raio de sol da tarde/ Que uma **janela** perdida,/ Refletiu/ Num instante indiferente/ Arde,/ Numa lembrança esvaída,/ À minha memória de hoje/ Subitamente" - Mário de Sá-Carneiro no poema "Ápice". Por meio da **janela** o ser-do-interior abre-se à angústia, à curiosidade, à crueldade, ao silêncio, à ternura ou à contemplação do infinitamente simples, logo, grandioso.

Forças oníricas assaltam o reino da razão e os escritores a elas se curvam pois o vazio do quotidiano de sua própria vivência transborda em meio à ansiedade, "O homem e a mulher num dia vazio, olharam, da **janela** do apartamento, a Superquadra mais ou menos silenciosa àquela hora da noite" - Almeida Fischer em *Memorial de Inverno*; o homem amoroso deixa que as imagens da vida real se imbriquem no imaginário do sonho, "E agora estou neste salão iluminado. Com **janelas** dentro das **janelas**. Mágicas e belas. Como um rosto de mulher em sonhos transformado"- Artur Eduardo Benevides no poema em prosa "Poema Esotérico"; a fascinação táctil da **janela** a acolher contemplação, "Colocou a luz sobre uma mesinha, bem junto da cama, a velha cama de casal da fazenda e pôs-se um tempo à **janela**, olhando o céu." - Rachel de Queiroz no romance *O Quinze* ; o lirismo de lembrança distante aprisionada na dor da perda e o desejo de se agarrar ao eterno em busca da recuperação de um tempo feito ainda de esperança, "Jardim abandonado/ ventos do este acordando/ as **janelas** fechadas/ da casa abandonada/...uma noite certamente virá/ janelas estarão abertas/ vozes serão ouvidas/ entre o tempo que será" - Carlos D'Alge no poema "Jardim" ; a angústia do indivíduo que está só contra um universo de forças desconhecidas que talvez contra ele conspirarem, "Esqueço o Anão. Debruço-me na **janela**. Quando eu me virar, é possível que tenha partido." - Lya Luft, no romance *O Exílio*. Há ainda a possibilidade do devaneio, do acesso à imaginação surgir pela fuga ao prosaísmo, "Minha janela é tão alta/ que posso alcançar a lua" - Domingos Carvalho da Silva, no poema "A outra lua", em *Girassol do*

Outono, para que não sejam esquecidas as ilusórias janelas da alma a partir desses versos de Antonio Gedeão, "Tenho quarenta janelas/ nas paredes do meu quarto/ sem vidros nem bambinelas/ posso ver através delas/ o mundo em que me reparto".

Uma das passagens mais instigantes encontrada na pesquisa em intenção desse glossário, refere-se a um trecho do romance de costumes, *Memórias do Sobrinho de Meu Tio*, de Joaquim Manuel de Macedo. Tomando-se a ambiência do Segundo Reinado no Brasil, o exemplo colhido discute a política caricatural de conciliação exercida pelo governo: "...a escola filosófica do governo: o esquecimento do passado, os gozos do presente, e o descuido e abandono do futuro...o fundador da escola foi Luís XV, que a iniciou em França, dizendo: **quem vier atrás, que feche a porta**. O diabo é que em política no século XIX quem fecha uma porta abre outra, e quando não quer abrir, às vezes o povo arromba. Mas ainda bem que o nosso governo não é governo de portas, é de **janelas**: é um governo que não abre, nem fecha, é uma cousa que se parece muito com qualquer outra cousa, exceto com governo." A intenção da passagem é satírica e não muito clara a alusão ao papel exercido pelas **janelas**, porém ousa-se aqui pensar que o autor criticava um governo imobilizado, falso em seus intentos, sem diálogo, sem acordos, sem apoio popular, pois que não existe comunicação direta que não se efetue pela porta. Não existe passagem através de uma **janela**, logo o povo estava afastado dos benefícios deste governo, uma farsa. O sentido da palavra em estudo tomaria aqui o significado de imobilização?

A fantasia cósmica da **janela** é tão vasta que suscitou em Machado de Assis a formulação de uma teoria própria, dentro do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apresentada no "Capítulo LI" - "...Assim, eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das **janelas**, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, afim de que a moral possa arejar continuamente a consciência..." - e que será retomada, numa breve alusão posterior, no "Capítulo CV" - "...e isto por aquela famosa lei da equivalência das

janelas, que eu tive a satisfação de descobrir e formular, no capítulo II. Era preciso arejar a consciência. A alcova foi uma janela fechada; eu abri outra com o gesto de sair, e respirei..."

Embora a **janela** nos revele um universo poético aberto à imaginação sonhadora e à criação, a pesquisa que se realizou mostra que sua influência e participação nos títulos literários é reduzida, não chegaram ao número de vinte as obras encontradas na Literatura de língua portuguesa: *A Janela Azul* de Helvécio Goulart; *A Janela de Tormes: no centenário de Eça de Queiroz* de Francisco Lopes Vieira de Almeida; *A Janela do Céu* de Renato Castelo Branco; *Janelas da Insônia* de Gabriel Nascente; *Janela do Caos* de Murilo M. Mendes; *Janelas Entreabertas* de Lúcia Fernandes Martins; *Janelas Fechadas* de Josué Montello; *Uma Janela Aberta* de Ovídio Chaves; *À janela* de Garcia de Resende; *À Janela da Memória* de Sérgio Freitas; *A Menina da Janela das Persianas Azuis*, de José Viale Moutinho; *Janela de Sônia* de Manuel Pui; *Janela Mágica* de Cecília Meireles; *Janela Mágica* de Alecio Alencar; *Joaninha à Janela* de Antonio Torrada; *À Janela dos dias* de Dalila Teles Veras; *Uma Janela para o Céu* de Heitor Luz Filho; *Gato na Janela* de José Guilherme Mendes e *Janela em Copacabana* de Luiz Alfredo.

Janela, fonte calorosa de fantasias, sonhos, tentação, divertimento e poesia. Seu mistério não reside tão somente no mito do olho que descobre e se faz ver, mas no tormento e no fascínio que ameaçam a consciência da racionalidade. O mistério da **janela** é sua própria ambivalência.

O olhar que tudo avista, percebe as nuances de que o mundo se reveste, a porta descobre revela a vida, a **janela** enquadra o momento do olhar e a casa, prima-irmã da terra, oferece o repouso do corpo, o aconchego da alma, o descanso entre as lutas.

ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA CITADOS NO GLOSSÁRIO JANELA

- . Adélia Prado
- . Affonso Manta
- . Affonso Romano de Sant'Anna
- . Alecio Alencar
- . Almeida Fischer
- . Antonio Torrada
- . Artur Eduardo Benevides
- . Augusto Frederico Schmidt
- . Barros Pinho
- . Batista de Lima
- . Bernardim Ribeiro
- . Berredo de Menezes
- . Carlos Augusto Viana
- . Carlos D'Alge
- . Cecília Meireles
- . Clarice Lispector
- . Dalila Teles Veras
- . Décio Pignatari
- . Diogo Fontenelle
- . Domingos Carvalho da Silva
- . F.P.-Álvaro de Campos
- . Fernando Pessoa
- . Ferreira de Castro
- . Francisco L. Vieira de Almeida
- . Gabriel Nascente
- . Garcia de Resende
- . Glória Martins
- . Guilherme de Almeida
- . Heitor Luz Filho
- . Helvécio Goulart
- . João Dummar Filho
- . Joaquim Manuel de Macedo
- . José Albano
- . José Guilherme Mendes
- . José Régio
- . José Viale Moutinho
- . Josué Montello
- . Júlio Maciel
- . Leonardo Mota
- . Lívio Barreto
- . Lúcia Fernandes Martins
- . Luciano Maia
- . Luís A.S. Munari
- . Luís Antônio Jorge
- . Luiz Alfredo
- . Lya Luft
- . Machado de Assis
- . Manoel César
- . Manuel Pui
- . Márcio Catunda
- . Mário de Sá Carneiro
- . Moreira Campos
- . Murilo M. Mendes
- . Natércia Campos
- . Nicolau Tolentino
- . Ovídio Chaves
- . Paulo Setúbal
- . Rachel de Queiroz
- . Renata Palotini
- . Renato Castelo Branco
- . Santiago Naud
- . Sérgio Freitas
- . Sinésio Cabral
- . Suzana Dias Ribeiro
- . Tomaz Antonio Gonzaga
- . Ubiratan Aguiar
- . Vinícius de Moraes
- . Wilson Pereira